

Arquitectos paisagistas

Cristina Castel-Branco

A métrica da poesia

BancoMeu Pais



A intrincada linguagem estética contempla uma gramática, uma sintaxe e uma quota-parte de liberdade literária, para que, quando no perfeito domínio de todas as regras, se possa jogar, inventar, criar. Qualquer que seja a matéria a que este princípio se aplique (linguística ou paisagisticamente falando), temos como resultado um texto. Ora, e levando a analogia um pouco mais longe, um jardim tradicional, independentemente da corrente ou do estilo, estará para a prosa como um jardim japonês para a poesia. Cristina Castel-Branco, arquitecta paisagista responsável pelo Jardim Japonês, agora inaugurado, na Quinta das Lágrimas, em Coimbra, ainda que reconhecendo a poesia de qualquer outro tipo de jardim, concorda com este paralelo, ou dever-se-ia antes falar de meridiano? É que o apelo do Oriente, especificamente do Japão, levou-a a outros meridianos. Há muito que Cristina desejava deslocar-se até lá para aprender e foi o que fez, aproveitando este seu ano sabático. Para trás ficaram o seu atelier e o Instituto Superior de Agronomia, onde esta professora com 20 anos de carreira docente lecciona na primeira licenciatura de Arquitectura Paisagista do País. Destino: Quioto. Aí ficou e se deleitou um mês, num centro de artes de jardins, agora no papel de aluna, estudando e aprendendo das 8h às 18h, um horário que correspondia exactamente à sua voraz vontade de aprender mais e mais sobre a verdadeira arte de planeamento e construção de jardins japoneses e que lhe permitiu, como refere, uma "aprendizagem máxima". "No Japão, a natureza é agreste, está constantemente a ser vítima de terremotos e tufões, o solo é de basalto, a pedra mais dura do mundo... Ver como, com base no conhecimento profundo e milenar das regras da natureza, eles contornam todas as vicissitudes para fazer conforto e alcançar uma estética única é a melhor lição para um arquitecto paisagista", resume Cristina, que sublinha ainda a forma "perita e subtil" que os nipónicos têm de transformar a parte ecológica em "harmonia estética", em poesia, afinal. E, para a arquitecta paisagista, essa poesia existe porque tanto um jardim como a música, por exemplo, "tocam directamente no coração, mexem com as emoções, e permitem muitas composições para criar emoção estética". Num jardim japonês, refere, talvez essa emoção "esteja concentrada, seja imediata".

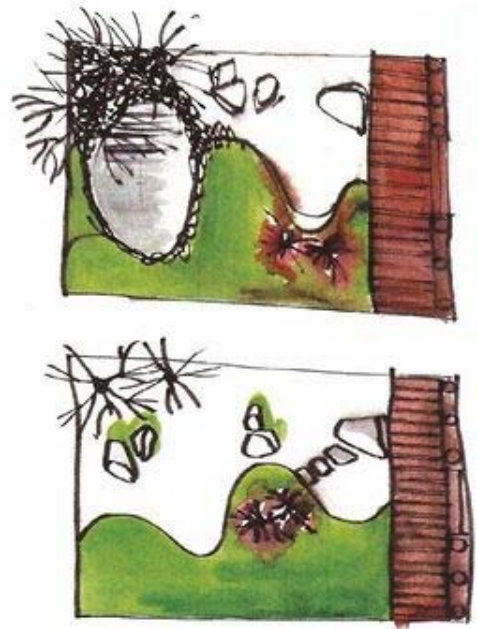
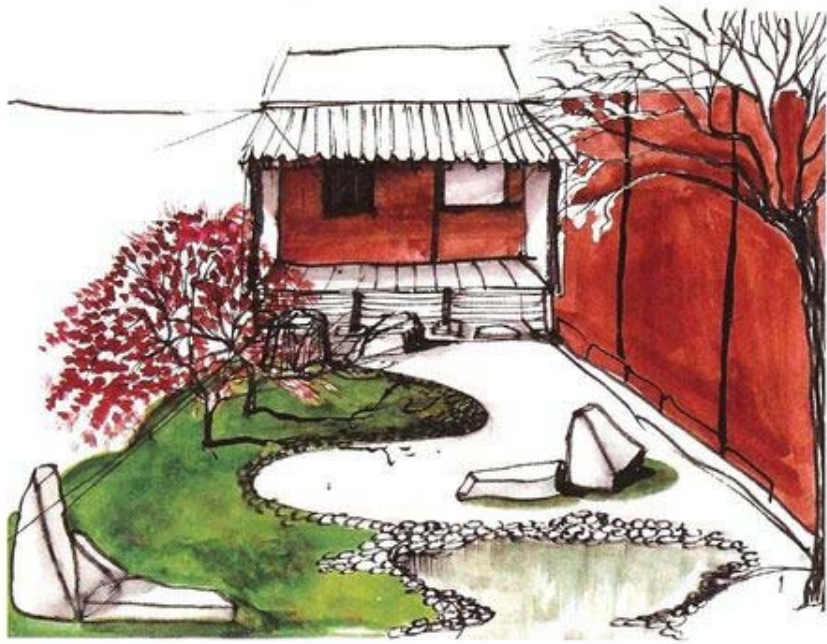
Oração e prece

No Japão, os jardins representam uma arte milenar com estatutos sagrados. Mais uma vez a analogia inicial, já que qualquer oração do texto é sempre sinónimo de prece, já que um jardim japonês é



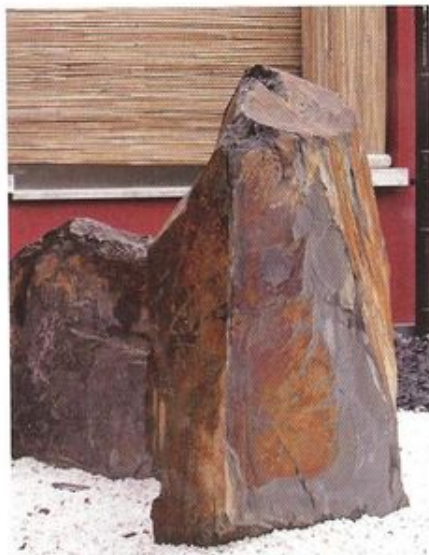
O desenho original do jardim em aguarelas da autoria da arquitecta paisagista, no topo da página seguinte, e, ao lado, o jardim depois de concluído. Em cima, uma pia de água escavada na pedra, necessária, nos jardins dos templos, para a purificação, mas que marca igualmente presença no jardim japonês da Quinta das Lágrimas, em Coimbra







A terra pronta a receber o musgo, em cima. Cristina Castel-Branco explica que em japonês 'shakkei' significa 'pedir emprestada a paisagem', algo que também ela fez neste jardim, a fim de chamar à composição o bambusal, as sequóias, o plátano e o ficus, existentes na quinta desde o séc. XIX. À direita, pedras de xisto talhadas de forma simbólica



sempre um local de recato, de meditação, de encontro com qualquer que seja o nosso Deus. "Grávida daquilo" – e por "aquilo" entenda-se beleza e aprendizagem, admiração e encantamento –, Cristina só teve uma resposta quando a desafiaram a criar precisamente um jardim japonês na Quinta das Lágrimas, em Coimbra: "Arrisco." Em poucos meses a ideia nasceu, maturou e está agora ao dispor de todos.

Amor e lágrimas

Para mais, Coimbra, ou melhor, a romântica Quinta das Lágrimas, era ideal para tentar este tipo de projecto. Estava tudo lá, até a lenda do amor de D. Inês de Castro por D. Pedro. Muito embora esta última sirva mais para alimentar o espírito do que propriamente um jardim. Para este, as condições que ali se reúnem são outras, como explica Cristina Castel-Branco: dispõe de imensa água, e exemplo disso são a Fonte das Lágrimas e a Fonte dos Amores; tem uma mata envolvente que serve de protecção dos ventos, o que, em conjunto com a temperatura, cria ali um microclima e torna aquele pedacinho de mundo o local ideal para 'arriscar' um jardim japonês.

Sol e sombra

"Com estas peças, sabia que podia dar certo, desde que tivesse sombra", esclarece a responsável pelo projecto. Isto porque o musgo, um dos protagonistas, precisa de sombra. Já a pedra branca de quartzo e as cerejeiras, outros elementos-chave, foram colocados ao sol. O seu domínio dos requisitos e das exigências deste tipo de projecto levou o jardim para a frente. Mas com a Quinta das Lágrimas fez um acordo. Pagaram-lhe apenas o seu trabalho e, no final, se o jardim for bem-sucedido, receberá um *success fee*, ou seja, um valor estipulado, mas do qual prescindiu de entender que a obra 'não vingá'. Por isso, no que toca a verbas, Cristina caracteriza-o como um jardim frugal, isto é, de orçamento reduzido. Dos 15 mil euros estimados, acabou por ficar em 18 mil. Vital, a partir deste momento, é a manutenção, pois é bem mais exigente do que a de qualquer outro género de jardim. Requer conhecimento, mas também alma, para respeitar aquela composição, aquele ritmo, aquela melodia. Mas quanto a isso está tranquila, pois o Sr. Jaime, neto e filho de jardineiros-mor do Jardim Botânico de Coimbra, é quem está encarregue dessa tarefa. "Que é apurada, apesar de não ser complicada. Prende-se essencialmente com a poda das cerejeiras e do ácer e a rega do musgo", explica Cristina Castel-Branco. Quanto ao Sr. Jaime, não duvida, a jardinagem "está-lhe no sangue".

O canto do bambu em rima solta

O jardim que agora foi dado à luz e à sombra rima na perfeição com os restantes recantos da quinta, onde, inclusivamente, o bambu já dança ao vento desde o séc. XIX. Foi precisamente com essas canas de bambu que foram feitos os algerozes, os quais, quando chove, "cantam", revela Cristina. Posto isto, e desde que o projecto saltou do papel e ganhou raízes, Cristina espera agora que o jardim ganhe patine, aquela segunda pele que confere vida à vida.

Fotos Atelier Cristina Castel-Branco – Arquitecta Paisagista

Contactos:

ACB. Arquitectura Paisagista
Atelier Cristina Castel-Branco – Arquitecta Paisagista
Rua da Correnteza, 1, 1400-077, Lisboa
Tel. 21 3645460, tm. 91 2583448
E-mail: acbpaisagem@acb-arqpaisagista.pt
www.acbpaisagem.com